



## CARMIM, RUGE E BLUSH: RESPOSTAS OBTIDAS NO MATO GROSSO DO SUL PARA AQUILO QUE AS MULHERES PASSAM NO ROSTO, NAS BOCHECHAS, PARA FICAREM MAIS ROSADAS

Beatriz Aparecida Alencar

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Andreza Carubelli Sapata

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

### RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a distribuição diatópica das respostas obtidas para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37) no estado de Mato Grosso do Sul considerando os registros das cartas QSL-L26 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et. al., 2014, p. 331) e na carta 389a do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007, p. 204). Entre os dados obtidos, destacam-se as respostas esperadas: *carmim*, *ruge*, *blush*. Além de identificar as localidades em que as respostas são produtivas, o estudo propõe-se a realizar a análise léxico-semântica dessas designações e pontuar algumas características histórico/sociais que contribuíram para o uso dessas nomeações. Para isso, ademais dos dados registrados no Atlas Linguístico do Brasil, também serão utilizados os dicionários antigos, versão digital Bluteau (1712-1728), Silva (1813) e Pinto (1832), bem como os dicionários gerais contemporâneos Borba (2004), Aulete (2006), Houaiss (2009), Borba e Ferreira (2010). Preliminarmente, apontamos que as unidades lexicais analisadas refletem um processo pelo qual a sociedade brasileira passou nas últimas décadas, em que os moldes franceses seguidos pela sociedade passaram a ser substituídos pelos moldes norte-americanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialetoologia e Geolinguística; Atlas Linguístico; Mato Grosso do Sul; vestuário e acessórios.

### ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the diatopic distribution of responses obtained for “what women pass on their faces, cheeks to become rosier” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37) in the state of Mato Grosso do Sul considering the data of linguistic maps QSL-L26 of the Linguistic Atlas of Brazil (CARDOSO et.al., 2014, p. 331) and linguistic maps 389a of the Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007, p. 204). Among the data obtained, the expected answers stand out: *carmine*, *ruge*, *blush*. In addition to identifying the regions in which responses are productive, the study proposes to perform the lexical-semantic analysis of these designations and to point out some historical/social characteristics that contributed to the use of these designations. For this, in addition to the data recorded in the Linguistic Atlas of Brazil, the old dictionaries, digital version of Bluteau (1712-1728), Silva (1813) and Silva Pinto (1832), as well as the contemporary general dictionaries Borba (2004), Aulete (2006), Houaiss (2009) and Ferreira (2010), will also be used. Preliminarily, we point out that the lexical units analyzed reflect a process by which Brazilian society has gone through the last decades, in which the French molds followed by society have been replaced by the North American ones.

**KEYWORDS:** Dialectology and Geolinguistics; Linguistic Atlas; Mato Grosso do Sul; Clothing and Accessories.



**Beatriz Aparecida Alencar** é professora do IFMS e doutoranda pelo programa de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS - Três Lagoas).

E-mail: bia83\_12@hotmail.com

**Andreza Carubelli Sapata** é professora do IFMS.

E-mail: andreza.sapata@ifms.edu.br

## INTRODUÇÃO

A Dialetoлогия foi inaugurada com o trabalho pioneiro de Jules Gilliéron, no Atlas Linguístico da França (ALF), publicado em 1902 (1º volume). O material documentou, através de inquéritos *in loco*, a fala de diferentes povoados franceses. Na época, a documentação da fala realizada pelos estudos dialetais era basicamente pautada na fala rural.

Com o decorrer do tempo, a Dialetoлогия foi modificando seus alicerces, porém, pode-se afirmar que dois pontos foram mantidos e caracterizam a disciplina ainda hoje: i) a percepção da heterogeneidade da língua, e ii) a importância da variação diatópica.

Entre os primeiros trabalhos realizados na área, observou-se o predomínio da monodimensionalidade, em que a preocupação se focava apenas em documentar a variação de diferentes localidades (diatopia) da língua. Porém, no decorrer dos anos, a Dialetoлогия não abandonou a sua preocupação areal, mas também acrescentou outras dimensões aos seus estudos, sobretudo no que tange às características sociais. Surgem, então, os trabalhos bidimensionais e pluridimensionais com os estudos mais recentes denominados por Thun de “nouvelle géolinguistique”:

A Nova Geolinguística se caracteriza pela ampliação de seu campo de observação e por

um trabalho de maior profundidade. Passa da análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica, para a do espaço linguístico voltado para a consideração de outras dimensões como a diastrática e a diafásica. Ela não emprega mais toda a sua energia na busca do dialeto rural puro, mas entra igualmente nas cidades, analisa os dialetos regionais, focaliza situações de contato, questiona também os grupos demograficamente móveis (THUN, 2000, p. 408).

Além das características que ampliaram a dimensão da Dialetoлогия, devemos considerar o método da Geolinguística, que auxiliou sobremaneira nos trabalhos dialetais. Segundo Mouton, a Geolinguística:

No se considera una ciencia en sí, sino un método dialectológico que aparece a fines del XIX, en un entorno muy interesado ya de antiguo por las hablas vivas, para estudiar la lengua hablada desde este nuevo enfoque. Los trabajos que se hicieron después sobre esas ingentes colecciones de materiales han dado frutos espectaculares para toda la Linguística, no solo para la Dialectología (MOUTON, 1996, p. 63).<sup>1</sup>

Entre os trabalhos em que a Dialetoлогия se beneficiou da metodologia da Geolinguística, devemos considerar os atlas linguísticos, que são estudos que podem documentar um momento da língua de uma determinada localidade. Além disso, é um material que pode se tornar uma grande fonte de estudos, a partir do momento de sua publicação:

Na realidade, a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos

<sup>1</sup> “Não se considera uma ciência em si, senão um método dialectológico que aparece no final do século XIX, em um ambiente muito interessado desde antigamente pelas falas vivas, para estudar a língua falada a partir deste novo

enfoque. Os trabalhos que se fizeram depois sobre essas enormes coleções de materiais têm dado frutos espetaculares para toda a Linguística, não somente para a Dialetoлогия” (MOUTON, 2009, p. 63) (TN).



seus vários níveis (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 20).

Considerando a importância dos atlas linguísticos e dos trabalhos que podem ser realizados a partir desses documentos dialetais, este estudo examina dados lexicais de natureza geolinguística cartografados no Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), analisando as variantes documentadas como respostas para a pergunta 191 do Questionário Semântico-Lexical - QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), que busca apurar as denominações para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?”, vinculada à área semântica *Vestuário e acessórios*, na cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, e também nas localidades que integram a rede de pontos do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS). Conseqüentemente, discute os dados mapeados na carta linguística QSL L26 – ruge, do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et. al., 2014, p. 331) e da carta 389<sup>a</sup> - ruge do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007, p. 204). O estudo tem como objetivo analisar a distribuição diatópica das respostas obtidas, bem como observar as características sociais que podem ter interferido no uso dessas denominações

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DO MATO GROSSO DO SUL

Mato Grosso do Sul é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado ao sul da região Centro-Oeste. Tem como limites os estados de Goiás a nordeste, Minas Gerais a leste, Mato Grosso a norte, Paraná ao sul e São Paulo a sudeste, além da Bolívia a oeste e do Paraguai a oeste e ao sul. Sua população, de acordo com o censo 2010<sup>2</sup>, é de 2.449.024 habitantes e possui uma área de 357.145,532

km<sup>2</sup>. Sua capital e maior cidade, em termos populacionais e econômicos, é Campo Grande.

O estado constituía a parte meridional do estado do Mato Grosso, do qual foi desmembrado por lei complementar de 11 de outubro de 1977 e instalado em 1 de janeiro de 1979. Porém, a história e a colonização da região, onde hoje está a unidade federativa, é bastante antiga, remontando ao período colonial antes do Tratado de Madri, em 1750, quando passou a integrar a coroa portuguesa. Durante o século XVII, foram instaladas duas reduções jesuíticas, Santo Inácio de Caaguaçu e Santa Maria da Fé do Taré, entre os índios Guarani na região, então conhecida como Itatim.

Historicamente vinculado à região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul teve na pecuária, na extração vegetal/mineral e na agricultura as bases de um acelerado desenvolvimento iniciado no século XIX.

Um dos mais importantes fatos históricos que ocorreu nas terras do atual estado foi a Guerra do Paraguai, na qual os exércitos brasileiro, argentino e uruguaio combateram juntos as tropas paraguaias. Esse combate praticamente destruiu o Paraguai, potência econômica durante o período da guerra.

Quando encerrada a Guerra do Paraguai (01 de março de 1870), o morador da região se encontrava em situação precária. O processo de povoamento, que começava a se acelerar na primeira metade do século XIX, havia, em muitos locais, cessado. No centro, oeste e sul do que hoje consideramos Mato Grosso do Sul, encontravam-se propriedades e povoados abandonados ou destruídos, estando as populações dispersas e abatidas pela fome, miséria e doenças.

<sup>2</sup> Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php>.

Acesso em: 15 ago. 2015.



A única região em que a vida continuou a um passo regular foi a região leste e nordeste do Estado, onde a frente colonizadora da família Garcia Leal e seus agregados aos poucos se expandia ao sul da cidade de Paranaíba para, na década de 1880, colonizar o município de Três Lagoas.

Ao contrário do que aconteceu no restante das terras sul-mato-grossenses, as propriedades desta região nunca se encontraram devolutas ou improdutivas devido à guerra.

Uma vez terminada a Guerra do Paraguai, aqueles soldados que haviam estado em Mato Grosso do Sul passaram a relatar, ao retornarem a suas províncias de origem, as gigantescas terras devolutas de vacarias existentes no local. Iniciou-se, assim, um massivo processo de migração regional para a área, com povoadores sobretudo oriundos de províncias como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia.

Datam deste período a ocupação, por exemplo, de municípios como Campo Grande e Sidrolândia, assim como a reocupação da área de Dourados. Nessas localidades, estabeleceram-se extensas fazendas de pecuária que faziam uso do pasto nativo existente na região. Nessa área estabeleceu-se José Antônio Pereira com seu filho Antônio Luiz, os escravos João Ribeira e Manoel e o sertanista Luiz Pinto Guimarães. Vindos por Goiás, passaram pelo atual município de Costa Rica, próximo à frente colonizadora dos Garcia Leal, e adentraram o Mato Grosso do Sul até sua área central, na confluência dos córregos Segredo e Prosa.

Assim, em meio à falta de perspectiva que abatia a população, criavam-se oportunidades para guinadas nos rumos, especialmente devido à presença de terras férteis em grande quantidade, à abundância em recursos hídricos e às possibilidades de atividades extrativas. O crescente comércio internacional foi fator

predominante para a reocupação da fronteira oeste brasileira. Tal recuperação só foi possível pelos dois primeiros ciclos econômicos sul-mato-grossenses: o ciclo da erva-mate e o ciclo do gado.

Ademais das situações históricas recuperadas e da geografia do Estado de Mato Grosso do Sul, ressalta-se que diferentes frentes migratórias vieram a povoar a região Centro-Oeste, sobretudo tal Estado e, conseqüentemente, trouxeram seus costumes ou hábitos então vigentes no país. Essa característica influencia sobremaneira a cultura da região e, por conseguinte, a forma de nomear os objetos e o mundo.

### **3. AS UNIDADES LEXICAIS CARMIM, RUGE, BLUSH: PERSPECTIVA GEOLINGÜÍSTICA**

#### **3.1 DADOS MAPEADOS PELO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALIB)**

Este estudo contemplou os dados cartografados no Atlas Linguístico do Brasil no que se refere às informações obtidas em Mato Grosso do Sul, no caso Campo Grande, documentadas na Carta nº L26 - capitais brasileiras (CARDOSO et al, 2014, p. 331). As respostas consideradas para o estudo foram fornecidas por oito informantes, distribuídos conforme as seguintes variáveis: a) escolaridade: quatro com curso superior e quatro com ensino fundamental incompleto; b) sexo: quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino; c) idade: quatro da faixa etária I (18 a 30 anos) e quatro da faixa etária II (50 a 65 anos); naturalidade: nascidos em Campo Grande.

O levantamento de dados para este trabalho resultou na documentação de três unidades lexicais para nomear “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37):



*blush*, *carmim* e *ruge* foram as respostas registradas na capital sul-mato-grossense.

Considerando apenas os dados obtidos em Mato Grosso do Sul, a carta L26 documenta uma alta produtividade para a variante *ruge*, com aproximadamente 75% das ocorrências e as variantes *carmim* e *blush*, com menor produtividade.

Quanto aos comentários apresentados como notas para a carta assinalada, cabe salientar que a resposta *carmim* foi identificada na fala da informante do sexo feminino, da faixa etária II. Além disso, a entrevistada acrescentou que a denominação não é utilizada na atualidade:

INQ.: Aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, pra ficarem mais rosadas?

INF.: É *ruge*... *ruge*... antigamente, falava *carmim*.

INQ.: *Carmim*?

INF.: *Carmim*... “vou passar *carmim* para ir na festa”, a minha vó falava. Eu lembro.

INQ.: Bem, bem *vermelhinho*.

INF.: É, bem, o *carmim* era bem *vermelho*.

INQ.: É.

INF.: Ficava aquela maçã de rosto bem *vermelhinha*, tava bonita

(Campo Grande, ponto 115, mulher, faixa etária II, escolaridade fundamental).

Ainda na carta do ALIB, acrescenta-se a nota que, para as informantes do sexo feminino, foi mais fácil obter respostas específicas para essa pergunta: “[...] pelo fato de ser uma

pergunta mais relacionada ao seu universo” (CARDOSO et al, 2014, p. 336). Além disso, esse comentário é complementado com a informação de que: “como mostram os informantes de Campo Grande (MS) e Recife (PE), para o homem, em geral, não existe distinção entre pó e *ruge*” (CARDOSO et al, 2014, p. 336).

No próximo tópico, analisam-se os dados documentados no atlas estadual.

### 3.2 DADOS MAPEADOS PELO ATLAS LINGÜÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL (ALMS)

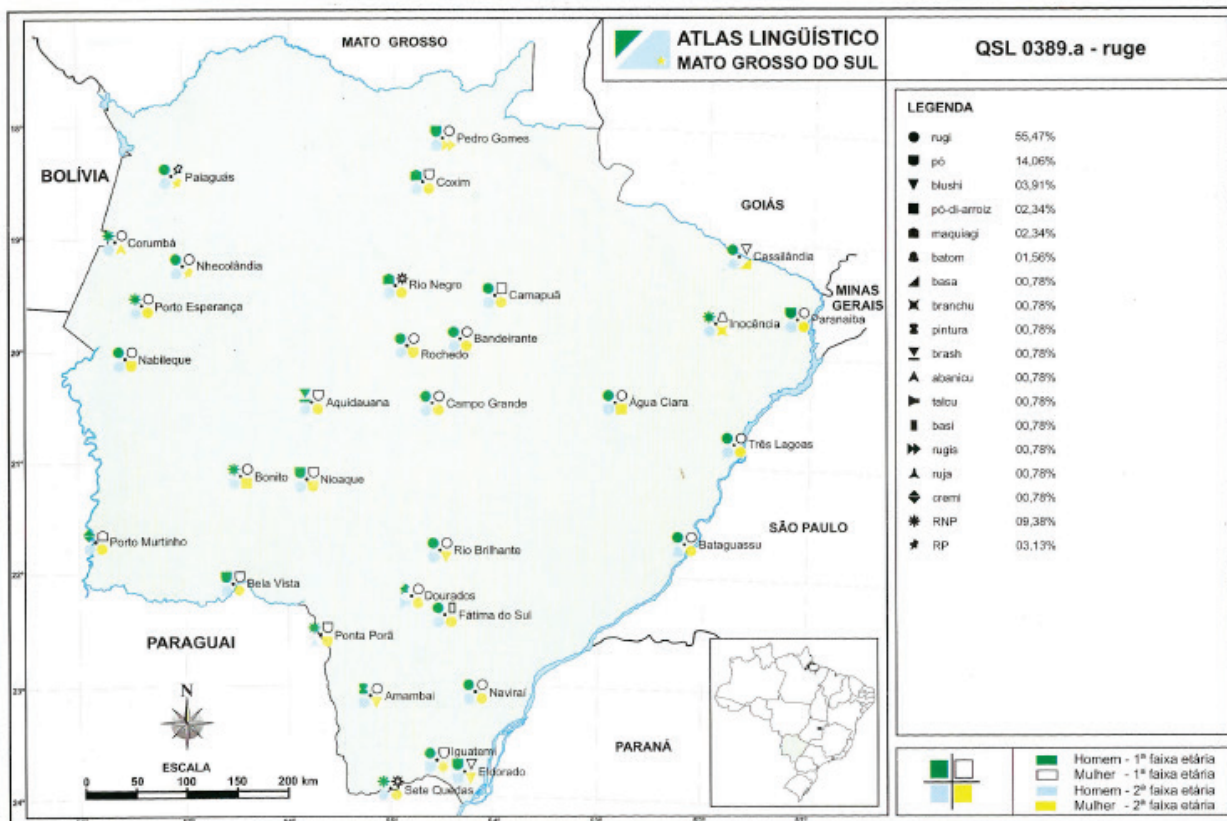
Neste estudo contemplamos os dados apresentados no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul no que se refere aos 32 pontos dentro do estado, cartografados na Carta nº 0389.a. (OLIVEIRA, 2007, p. 204). As respostas consideradas para o estudo foram fornecidas por 128 informantes, distribuídos conforme as seguintes variáveis: a) escolaridade: ensino fundamental incompleto; b) sexo: dois do sexo feminino e dois do sexo masculino; c) idade: dois da faixa etária I (18 a 30 anos) e dois da faixa etária II (45 a 70 anos); naturalidade: nascidos na localidade inquirida.

Ao visualizar a carta obtida como resposta para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37), foram reunidas as seguintes respostas: *ruge*, *pó*, *blush*, *maquiagem*, *batom*, *base*, *pintura*, *abanico*, *talco*, *creme* além das respostas identificadas como RNP e RP. Observe a Figura 01:





Figura 01 – Denominações para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” no ALMS



Fonte: Oliveira (2007, p. 204)

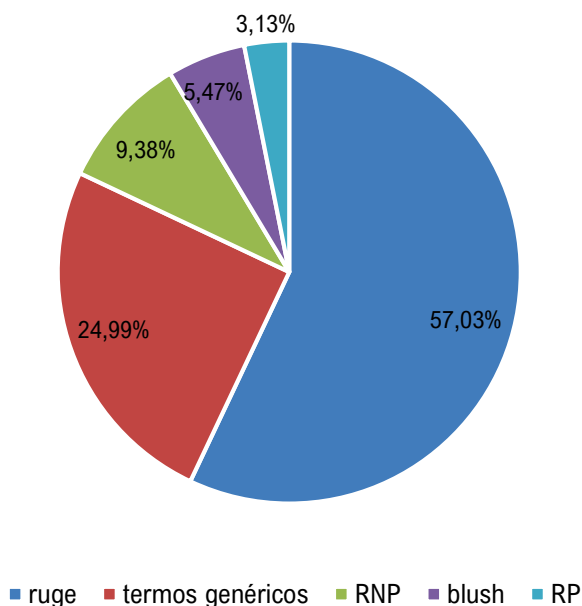
Tendo em vista a grande quantidade de respostas obtidas e a presença de denominações que não contemplam o referente solicitado, agruparemos alguns dados mapeados com a identificação *termos*

*genéricos* (maquiagem, batom, base, pintura, talco, creme, pó, pó de arroz), além de *ruge*, *blush*<sup>3</sup>. Após o agrupamento das denominações, é possível construir o gráfico considerando a produtividade das respostas:

<sup>3</sup> Para fins de análise, são consideradas apenas as denominações coincidentes ao atlas nacional.



Gráfico 01 – Produtividade das respostas obtidas para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” no ALMS



Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do ALMS

Considerando o Gráfico 1 e retomando a carta 389a (Figura 1), observa-se que as respostas *ruge* e *blush* se mostraram produtivas, respectivamente nas seguintes localidades:

*Ruge* atingiu 57,03% das respostas cartografadas e foi registrada em todos os pontos de inquérito, com exceção de Eldorado (ponto nº 07).

*Blush* atingiu 5,47% das ocorrências e figura como resposta apenas nas cidades de Amambai (ponto 02), Aquidauana (ponto 03), Eldorado (ponto 07), Cassilândia (ponto 11), Inocência (ponto 17) e Rio Brilhante (ponto 28).

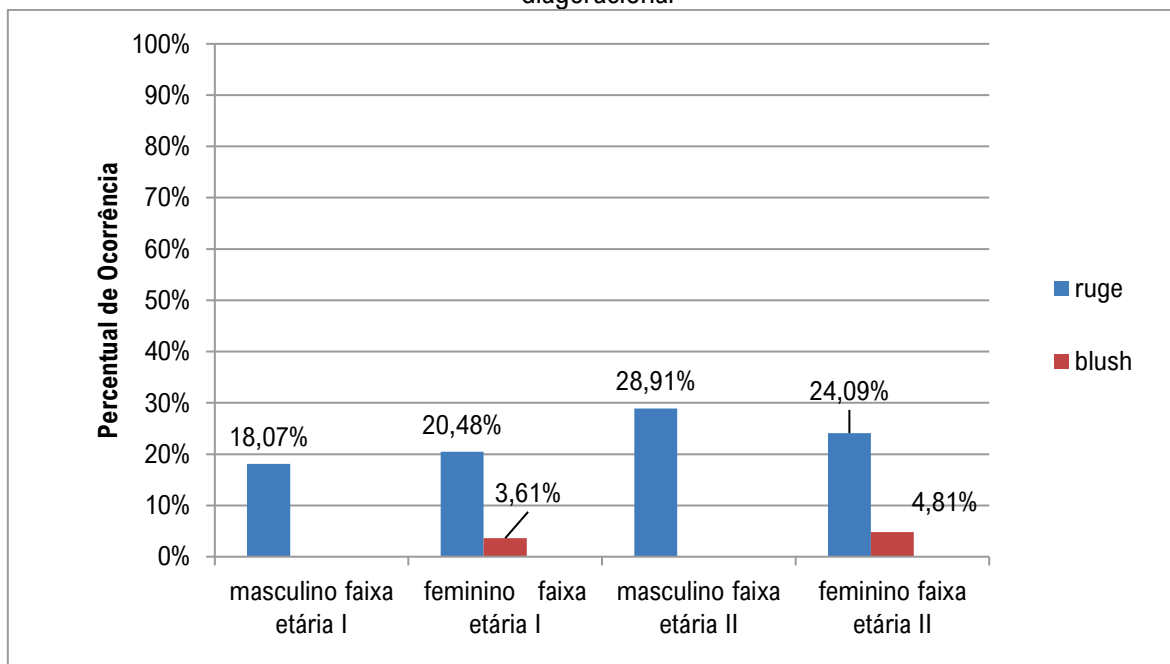
Informa-se que as ocorrências de *blush* figuram em três municípios limítrofes às fronteiras estaduais: Amambai e Eldorado (Paraná) e Cassilândia (Goiás). Possivelmente, essas cidades receberam algum tipo de influência da linguagem dos estados vizinhos.

Quanto às demais localidades, não possuem proximidade geográfica.

Em relação às respostas agrupadas como termo genérico, verifica-se que essas denominações ocorrem nas diferentes regiões do estado, não mostrando uniformidade no que tange aos pontos de inquéritos.

Conforme os aspectos abordados, constata-se que há em Mato Grosso do Sul uma maior produtividade para a designação *ruge*. Além disso, podemos observar que sua presença ocorre em ambas as faixas etárias e gêneros, o que nos permite informar que há uma possível característica de manutenção na denominação em questão.

De acordo com as ocorrências de *blush* e *ruge*, é possível construir o Gráfico 02, que destaca a supremacia da denominação *ruge* como “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” pelos diferentes entrevistados do ALMS.

Gráfico 02– Produtividade das denominações *blush* e *ruge* e no ALMS considerando a variação diasssexual e diageracional

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do ALMS

Nota-se também no Gráfico 02 que *ruge* é um pouco mais produtivo na fala dos informantes da faixa etária II (53%). Quanto à denominação *blush*, verifica-se que está presente apenas na fala de informantes do sexo feminino.

Após tecer algumas considerações de caráter geolinguístico, passaremos a discussão léxico-semântica das respostas esperadas.

#### 4 AS UNIDADES LEXICAIS CARMIM, RUGE, BLUSH: PERSPECTIVA LÉXICO-SEMÂNTICA

Após a discussão da distribuição diatópica das respostas que nomeiam “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37), examinaremos a dimensão léxico-semântica dessas unidades lexicais.

Inicialmente, é importante informar que serão analisadas as unidades lexicais *ruge*, *blush* e *carmim*, que figuram no Atlas Linguístico do Brasil, no que se refere à cidade de Campo Grande. Vale ressaltar que tais unidades lexicais também foram encontradas e cartografadas no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, com exceção de *carmim*.

Do ponto de vista linguístico, destaca-se que as três unidades lexicais integram o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), da Academia Brasileira de Letras<sup>4</sup>. Entre os registros apresentados pelo VOLP, cabe informar que *blush* é apresentado como sendo de origem estrangeira (inglês). Por sua vez, em relação ao registro dessas unidades lexicais nos dicionários do século XVIII e XIX, verificamos que nessas obras, o único item lexical dicionarizado é *carmim*. Observe a acepção apresentada a seguir, no Quadro 01, em obras lexicográficas antigas:

<sup>4</sup>Consulta realizada no endereço eletrônico: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 14 ago. 2019.



Quadro 01 – Registro de *carmim* em dicionários de Língua Portuguesa do século XVIII e XIX

DICIONÁRIOS	ACEPÇÕES DE CARMIM
<b>BLUTEAU (1712-1728)</b>	[...] Porém, Carmim, nem he vermelhao, nem Graã he huma tinta atificial, composta de pao Brafil, moida em Almofariz co paens de ouro, tudo lançado de molho em vinagre branco e depois de ferver, fe pocin, fe poem a efeuma a fecar, eita he o carmim. Tambem fe faz por outro modo co cochonilha, & pedra hume de Roma, tirante a vermelho. Tem o Carmim a côr muito viva. [...] Ainda que o ditto Author chame ao Carmim, preto de Frandes, não deixa o carmim de fer Tinta vermelha.
<b>SILVA (1813)</b>	s.m. Tinta artificial extraída do pao Brasil, moida com pães de oiro, ou da cochonilha com pedra hume de Roca; aliás preto de Flandes. Arte da Pint. Também se extrai da cochonilha. Líquido carmim: sangue, M.C. II 53. de líquido carmim sai fonte viva.
<b>SILVA PINTO (1832)</b>	s.m. Tinta artificial de cor de purpura ou de grãa. Fig. sangue.

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Ao consultar o Dicionário Etimológico Nova Fronteira (CUNHA, 1986), nota-se que apenas a unidade léxica *carmim* foi registrada. Segundo essa obra lexicográfica, *carmim* é definido como: “sm. Matéria corante, de um vermelho muito vivo, extraída, originariamente, da cochonilha-do-carmim XVII. Do fr. carmin, deriv. do lat. med. Carminium, resultante do cruzamento de minium ‘vermelhão’, ‘zarcão’ com o ar. Qírmiz. Compare CARMESIM”.

Ao pesquisar a etimologia da unidade lexical *carmesim*, há a referência a cores/tonalidade: “[...] adj. 2g. Sm. ‘diz-se de, ou cor vermelha muito viva [XVI, creme – XVI,

crimjsym XVI etc. [ Do ár. hisp. qarmazî, deriv. de qármaz (ár. quírmiz) vermelhão, encarnado e, este, do pers. Kirm” (CUNHA, 1986, p. 157).

Em relação aos dicionários gerais de língua portuguesa contemporâneos, encontram-se registradas as três unidades lexicais: *carmim*, *ruge* e *blush*. Quanto às definições que serão visualizadas na continuação, é relevante informar que as informações expressas contemplam o referente e que se tratam de um elemento relacionado à coloração. A seguir, no Quadro 2, registram-se a dicionarização dessas unidades léxicas, iniciando pela definição do item lexical *carmim*.

Quadro 02 – Registro de *carmim* em dicionários de Língua Portuguesa do século XX

DICIONÁRIOS	ACEPÇÕES DE <i>CARMIM</i>
<b>HOUAISS (2009)</b>	s.m. (1615 FNun fo 55v) 1 QUÍM. substância corante, em vermelho vivo, extraída da cochonilha-do-carmim; magenta 2 p.met. a cor desse corante; carmesim, magenta 3 ENT m.q. COCHONILHA-DO-CARMIM ( <i>Dactylopius coccus</i> ) 4 ENT m.q. PULGÃO ( <i>Erisoma lanigerum</i> ) adj. 2g.2n 5 que tem a cor do carmim (acp.1); carmesim, magenta <mantos carmim> 6 diz-se dessa cor; carmesim, magenta ,o tom c. daquele chapéu é belíssimo> c. alizarim PINT QUÍM. substância (C <sub>14</sub> H <sub>7</sub> NAO <sub>7</sub> S) us. como indicador ácido-base, como corante em alimentos, em fármacos, cosméticos etc. ETIM fr. carmim (c1165 sob a f. subst. charmim) 'id.', este de orig. duv.; talvez de um lat. medv. *carminium, resultante do cruzamento anterior de minium 'vermelho, zarcão' como o ár. qirmiz 'cochonilha' SIN/VAR ver sinonímia de vermelho
<b>BORBA (2004)</b>	(Fr) Sm. 1 pomada corante, de um vermelho muito vivo, usada para colorir a face; rouge. Adj. 2 de cor vermelha: chegou à festa portando um chapéu a carmim.
<b>AULETE (2006)</b>	sm. 1. Substância corante de cor vermelha, extraída, a princípio, da cochonilha-do-carmim. 2. A cor desse corante; CARMESIM 3. Ent. Ver <i>cochonilha-do-carmim</i> . 4. Espécie de pulgão ( <i>Eriosoma lanigerum</i> ). a2g2n. 5. Ref. a ou da cor do carmim (lençóis carmim); CARMINADO; CARMÍNEO; CARMESIM; MAGENTA [Pl.: -mins.] [F.: Do fr. <i>carmin</i> , posv. do lat. medieval <i>carminium</i> . Sin. ger.: <i>magenta</i> .]
<b>FERREIRA (2010)</b>	[ Do fr. carmim] S.m. 1. Matéria corante, de um vermelho muito vivo, ligeiramente arroxeadado, extraída, originariamente, da cochonilha-do-carmim. 2. A cor do carmim (1); carmesim. 3. Zool. Cochonilha-do-carmim. Adj 2 g. 4. Da cor do carmim (1); carmesim. 5. Diz-se dessa cor; carmesim. [Sin. (nas acepç 1, 2, 4 e 5): magenta.]

**Fonte:** Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Quanto ao item lexical *carmim*, observamos que sua datação é bastante antiga. Houaiss (2009) faz referência a duas datas: i) 1615, referindo-se a uma obra intitulada “Arte poética e de pintura e simetria, com alguns princípios de perspectiva”, com indicação da página, e ii) 1165, remetendo à etimologia da palavra.

Também com característica marcada pela antiguidade da unidade léxica, têm-se as acepções de *ruge*, considerando os dicionários gerais. Verifique as definições apresentadas no Quadro 03:

Quadro 03 – Registro de *ruge* em dicionários de Língua Portuguesa do século XX

DICIONÁRIOS	ACEPÇÕES DE <i>RUGE</i>
<b>HOUAISS (2009)</b>	<i>ruge</i> s.m. COSMT pó ou pasta, de tonalidade entre o rosa e o vermelho, que se espalha nas maçãs do rosto. GRAM voc. consid. gal. pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: <i>carmim</i> . ETIM fr. <i>rouge</i> adj (c1130) 'que tem a cor característica do sangue, de certas flores'; s.m. 'colorante vermelho', na expressão <i>rouge à joues</i> 'colorante vermelho para as faces', do lat. <i>rubeus</i> , a, um 'avermelhado' HOM <i>ruge</i> (fl. <i>rugir</i> )
<b>BORBA (2004)</b>	(Fr) Sm. Cosmético em pó ou em pasta, de coloração que varia entre o róseo e o vermelho, usado para colorir as maçãs do rosto.
<b>AULETE (2006)</b>	sm. 1. P.us. Cosmético em pó, avermelhado, que se aplica no rosto para deixá-lo corado. [F.: Do fr. <i>rouge</i> . Hom./Par.: <i>ruge</i> (sm.), <i>ruge</i> (fl. de <i>rugir</i> )]
<b>FERREIRA (2010)</b>	[Do fr. <i>rouge</i> ] S.m. Cosmético em pó ou em pasta, de uma tonalidade que varia entre o rosa e o vermelho, usado para colorir as maçãs do rosto.

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Assim como *carmim*, *ruge* é registrado em Houaiss (2009) com datação antiga no que se refere à etimologia, remetendo aos anos de 1130.

Por seu turno, informa-se que *blush* é a unidade léxica que possui a datação mais recente entre as demais denominações discutidas (Quadro 4):

Quadro 04 – Registro de *blush* em dicionários de Língua Portuguesa do século XX

DICIONÁRIOS	ACEPÇÕES DE <i>BLUSH</i> <sup>5</sup>
<b>HOUAISS (2009)</b>	[ing., lit. 'afluxo de sangue ao rosto]. S.m. (1969) cosmético em pó ou creme, usada para corar a face, <i>rouge</i> . GRAM. pl: <i>blushes</i> (ing), ETIM. Ing. <i>Blush</i> (sXV) id.do ant. germ. <i>bluhhen</i> 'queimar fazendo chamas'.
<b>BORBA (2004)</b>	Sm (Ing) cosmético em pó, de coloração avermelhada, com que se colorem as maçãs do rosto.
<b>AULETE (2006)</b>	(Ing./blâsh/) sm. 1. Cosmético em pó ou creme, us. para dar cor mais viva às maçãs do rosto.

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Nas acepções listadas no Quadro 4, verificamos que *blush* apresenta duas datações em Houaiss (2009). A primeira referindo-se aos anos de 1969 e a segunda, ao século XV. Em relação à primeira data, apenas é informada sua definição. Já na segunda data indica-se o século XV, que traz a informação etimológica, referindo-se ao antigo germânico *bluhhen*. Ainda em Houaiss (2009), consta o registro do inglês literal (ing., lit.).

Ao analisarmos diferentes acepções para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas”, enfatiza-se que as definições, no decorrer do tempo, foram se tornando mais específicas e, conseqüentemente, referindo-se apenas ao cosmético.

Além disso, verifica-se que a denominação com datação mais atual, *blush*, cabe como exemplo de uma unidade léxica que

<sup>5</sup> Em Ferreira (2010) não consta registro para a unidade lexical *blush*.



acompanhou a transição que os indivíduos viveram nos últimos séculos em relação aos modelos seguidos pela sociedade, transportando-se dos valores culturais ditados pela França para os formulados pelos norte-americanos.

Faz-se necessário, portanto, para contribuir com a análise, traçar um pequeno histórico das influências culturais pelas quais o Brasil passou desde o século XIX, pois muitos vocábulos estrangeiros usados por falantes de língua portuguesa do Brasil são provenientes de países que influenciaram nossa cultura. Prova disso é termos *ruge* e *carmim* como representantes da língua francesa e *blush*, proveniente da língua inglesa.

É relevante salientar que foi após 1816, depois da assinatura dos tratados de amizade e comércio entre Brasil e França, que imigrantes dos mais diferentes pontos do território francês e de segmentos sociais variados começaram a chegar ao Brasil, principalmente ao Rio de Janeiro. Eram costureiras, floristas, fabricantes de chapéus, alfaiates, cabeleireiros, livreiros, professores, parteiras, artistas e muitos outros.

Conforme descreve Menezes (2007, s.p.)<sup>6</sup>:

Vestir-se, pentear-se, comportar-se e amar à francesa se transformaram em ações identificadas com a adoção de um viver civilizado que tinha Paris como modelo. Os cuidados com a aparência tiveram, desde muito cedo, um lugar de destaque nas mudanças ocorridas na cidade que se tornou capital. Sua importância cresceu à medida que o mundo da Corte, repleto de cerimoniais, festas e recepções, transformava o ato de vestir-se em símbolo poderoso de distinção e poder.

Além dos tratados de livre comércio entre França e Brasil, que intensificaram a presença dos costumes franceses<sup>7</sup> no país, pontua-se

que a chegada da família real e da corte portuguesa em terras tupiniquins (1808) ditou hábitos, moda e a ascensão dos valores ligados à cultura europeia.

Assim, principalmente no Rio de Janeiro, sede da corte portuguesa no Brasil, no século XIX, as elites falavam correntemente o francês e a moda de Paris permitia que uma sofisticada forma de viver fosse reinventada nos trópicos. Tal interferência nos costumes também deixou suas marcas na língua portuguesa falada no país, perdurando até hoje em vocábulos – hoje aportuguesados – de origem francesa, como *abajur*, *sutiã*, *ruge*, *carmim*, entre outros, muitos deles do campo semântico de *vestuário* e *acessórios*.

Porém, após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, o modelo cultural norte-americano foi tornando-se dominante no Brasil. Isso porque, com a vitória dos Aliados, os Estados Unidos se firmam como potência econômica mundial e promovem a reconstrução de vários países atingidos pela guerra, espalhando assim sua cultura pelo mundo.

Além disso, a hegemonia norte-americana passou a atingir o mundo inteiro devido aos produtos da indústria cultural (cinematográfica, fonográfica, publicitária etc.), do mercado de consumo, em que se sobressaem muitas marcas de refrigerantes, vestuário, cosméticos e redes de *fast food* norte-americanos.

Para este estudo, ainda cabe pontuar que, no final da década de 1960, de acordo com Sherrow (2001), a empresa norte-americana de cosméticos Revlon lançou um pó que vinha acompanhado de um pincel aplicador, que foi chamando de Blush-On, com textura leve que coloria as bochechas sem deixá-las muito marcadas, como o *ruge* e o *carmim*, que tinham consistência mais pastosa e demarcavam bem as maçãs do rosto.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.brasilfrance.com.br/2012/04/12/a-francesa-dos-pes-a-cabeca/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

<sup>7</sup> Na época, os costumes de origem francesa eram sinônimos de nobreza e luxo.



Assim, pela primeira vez a palavra *blush* passa a ser usada para nomear um produto/cosmético que colore as bochechas, pois até então *blush*, em língua inglesa, fazia referência aos verbos *corar*, *envergonhar-se*, *ruborizar-se*, bem como os substantivos *rubor*, *vermelhidão*.

De acordo com as informações arroladas, pode-se perceber a transição da influência francesa para a norte-americana no mundo, neste particular, no Brasil. Assim fica evidente que o uso de *ruge* e *carmim* faz remissão aos moldes franceses e ao passado, como uma informante do ALiB em Campo Grande mencionou, lembrando uma época em que o modelo francês estava ainda em vigor; já *blush*, representando um estrangeirismo de origem inglesa, presente nas capitais brasileiras (exceto Cuiabá de acordo com o ALiB), ilustra a influência norte-americana pós-guerra no Brasil (seus ditames na indústria, na cultura e no consumo). Apesar de ainda bastante presente na fala dos informantes, *ruge* concorre com a denominação *blush* e *carmim* praticamente não se registra nas localidades investigadas neste estudo. Ademais, acredita-se que em coletas contemporâneas ou a serem realizadas no futuro, a utilização da unidade léxica *blush* poderá apresentar números mais significativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma breve análise sobre as respostas produtivas para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37). No caso específico, verificou-se a produtividade das unidades léxicas *carmim*, *ruge* e *blush* em Mato Grosso do Sul, utilizando como base os dados cartografados no Atlas Linguístico do Brasil (carta referente aos dados das capitais do Centro-Oeste) e os dados registrados no Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul.

Diante dos dados analisados, observa-se que as unidades lexicais *carmim*, *ruge* e *blush* marcam a mudança da língua tanto no que tange à denominação quanto às transformações da sociedade nas últimas décadas, demonstrando como determinadas populações e a sua linguagem seguem em direções coincidentes.

Esta afirmação se comprova ao considerarmos os hábitos culturais dos brasileiros, que se modificaram no decorrer dos anos ao abandonar ou minimizar os costumes e o uso de palavras (corriqueiras) de origem francesa pelas de origem inglesa ao tratarmos de estrangeirismos. Nota-se que essa trajetória se exemplifica na substituição e/ou quase apagamento da denominação *carmim*, no uso de *ruge*, ainda significativo, porém já ocorrendo juntamente com a denominação *blush*, provavelmente decorrente da modernidade que países de língua inglesa, principalmente os Estados Unidos, bem como seus hábitos, inspiram nos países do hemisfério Sul.

## REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2006.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: áulico, anatômico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- BORBA, Francisco. **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol 2. Londrina: Editora Eduel, 2014.





CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MENEZES, Lená Medeiros de. **À Francesa: dos pés à cabeça**. Disponível em <http://www.brasilfrance.com.br/2012/04/12/a-francesa-dos-pes-a-cabeca/>. Acesso em: 13 ago. 2015.

MOUTON, Pilar García. Dialectologia e Geografia Linguística. In: ALVAR, Manuel. **Manual de Dialectologia Hispânica**. El español de España. Barcelona, Editorial Ariel, 2009, p. 63-77.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). **Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)**. Campo Grande: Editora da UFMS; CNPq, 2007.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira** por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3>. Acesso em 14 ago. 2015.

SHERROW, Victoria. **For appearance' sake: the historical encyclopedia of good looks, beauty, and grooming**. Westport, CT, USA: Orix Press, 2001.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. 2v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922. Fac-símile da segunda edição. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

THUN, Harald. **Atlas linguistique et variabilité** – Introduction à la table ronde, em Actes Du XXiie. Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, 1998, Bruxelles, v.3. Vivacité et diversité de la variation linguistique, Tübingen, Niemeyer: 2000, p. 407-409.

#### Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

ALENCAR, B. A.; SAPATA, A. C. Carmin, ruge e blush: respostas obtidas no Mato Grosso do Sul para aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 83-96, 2019.